

Por volta das 17h30, duas amigas passaram tranquilas pelo pátio do Olímpico, da altura de um salto pouco menor que o do Brasil na Copa de 2006. Pareciam desiloadas no tempo e no espaço, não pela ausência de mulheres – elas estavam lá, e muitas, de todos os modelos, uma globalização feminina em três cores – mas por que uma das amigas, loira e esguia, andava por ali com shorts brancos e uma miniblusa verde-lha, exatamente a conjunção de cores de outro time muito popular de Porto Alegre que também joga o Gre-Nal e que os gremistas não quem ver por perto. A senhoria passa a receber uma espécie de moderada retaliação, que cresce à medida da distância percorrida. Para que os ânimos não se exaltem, elas resolvem acorrer a uma das lojinhas próximas ao estádio para comprar um fardamento mais condizente com o ambiente. Como a loja não tem mais do que cinco metros quadrados de área, o proprietário **stimula um vestário, segurando uma enorme bandeira gremista enquanto a moçoila mostra seus seios para estuzantes bonês azuis, camisas do Grêmio e sorridentes bonês de Renato Portalppl.** O mais curioso é que ela é gremista, mas, sabe-se lá por que motivos da alma feminina, resolvera flamar entre os tricolores vestida com o vermelho.

O VERMELHO DA RAIVA

Conforme se aproxima a hora do jogo, o Largo dos Campeões, no pátio do Olímpico, assume aquela atmosfera folclórica típica de clássico. Também circulam personagens populares ou ídolos inesquecíveis, como o goleiro Danrlei, hoje deputado federal, que precisa ser arrancado do meio da multidão após permanecer quase meia hora concedendo autógrafos e entrevistas e posando para fotos. O delírio é tamanho que as mulheres oferecem praticamente qualquer naco de pele para que Danrlei de Deus castigue a carne com seu santo nome tricolor. Os últimos torcedores ignoram até mesmo o ex-goleiro e correm pelo pátio consumindo suas latas de cerveja como se fossem bombas de oxigênio.

CARNAVAL EM TRÊS CORES

